

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

## VICENTE LICÍNIO CARDOSO (1889-1931)

Nascido no Rio de Janeiro a 3 de agosto de 1889 (ou 1890, segundo algumas fontes) e falecido tragicamente a 10 de junho de 1931, com pouco mais de 40 anos, “consumindo-se na chama de seu próprio ideal”, como dele disse Fernando de Azevedo, Vicente Licínio Cardoso foi uma das figuras exponenciais da cultura brasileira em sua tão curta trajetória. Filho de Licínio Cardoso, professor, médico e engenheiro, seguiu uma das carreiras do pai, diplomando-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, da qual veio a ser professor. Pouco depois de formado obteve prêmio de viagem aos Estados Unidos, o que lhe propiciou escrever seu primeiro livro, *Arquitetura Norte-Americana*, publicado em 1916. “Trabalho de um ob servador inteligente e arguto, que via nos novos tipos de construção, nomeadamente nos ‘arranha-céus’ (aparecidos em Chicago por volta de 1890) um reflexo das condições sociais do país”.

O concurso para a cadeira de História da Arte, da Escola Politécnica, ofereceu-lhe ensejo para escrever uma de suas obras mais significativas: *Filosofia da Arte* (1918), precedida de um *Prefácio à Filosofia da Arte*, publicado no ano anterior. Deste livro, escreve Wilson Martins ser “a obra mais importante jamais escrita entre nós, nada inferior, se não superior, pela erudição, espírito crítico e originalidade, a dezenas de outras, publicadas em países estrangeiros” (*Hist. da Intel. Brasileira*, VI, 107).

Após a *Filosofia da Arte*, voltou-se Vicente Licínio Cardoso para os estudos brasileiros, nas áreas da sociologia, da história e da educação, aspectos de sua obra que já têm merecido análises pertinentes de Castilhos Goycochea, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Acácio França, Wilson Martins, Américo Jacobina Lacombe, entre outros.

Deixou numerosos escritos avulsos, reunidos para a formação de quatro ou cinco livros publicados na década de '20 e que enriqueceram sobremaneira a bibliografia brasileira, uma obra caracterizada pela “constância de um ponto de vista essencialmente brasileiro”. Por exemplo: em *Pensamentos Brasileiros*, um importante ensaio sobre Benjamin Constant;

em *Vultos e Idéias*, uma análise das causas da Revolução Pernambucana de 1824; em *Figuras e Conceitos*, os ensaios sobre Colombo e o descobrimento da América, sobre o Padre Júlio Maria e sobre o Barão de Macaúbas (o educador Abílio César Borges), encerrando-se o Volume com um relatório de sua passagem pela prefeitura de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, função que exerceu por pouco tempo, “a fim de ter contato pessoal com a administração, conhecendo um município por dentro”; em *Afirmações e Comentários*, um estudo sobre a República no Brasil.

Afora estes livros reunindo escritos diversos, deixou *À margem da História do Brasil*, publicado só em 1933, graças à iniciativa de seus amigos, que cuidaram do preparo do volume. Foi incluído na prestigiosa coleção “Brasileira”, da Companhia Editora Nacional, então no seu início (vol. 13) e do qual duas outras edições foram publicadas, em 1938 e em 1979. *À margem da História do Brasil* veio a se constituir na sua mais importante contribuição à historiografia brasileira. Nele se encerram: uma conferência sobre uma excursão empreendida ao vale do São Francisco, em 1923 (“Rio São Francisco, rio em história”, dedicada a Teodoro Sampaio); dois ensaios sobre o domínio espanhol no Brasil; uma bela apreciação sobre o Padre Diogo Antônio Feijó (“Um fantasma do Segundo Império”, que utilizamos quase na íntegra para a seleta do presente número); dezessete pequenos estudos agrupados sob o título geral de “À margem do Segundo Reinado”, concluindo-se o volume com três capítulos sobre Euclides da Cunha.

Convém registrar, encerrando esta rápida apreciação sobre a obra de Vicente Licínio Cardoso, que a ele se deve a organização de um dos mais importantes títulos de nossa bibliografia republicana: o volume *À margem da história da República*, editado por Álvaro Pinto, do Rio de Janeiro, em 1924. Trata-se de valiosa obra coletiva, constituindo um “Inquérito por escritores de geração nascida com a República”. Neste volume se inserem algumas das melhores páginas para o conhecimento do pensamento político no Brasil, sendo seus autores A. Carneiro Leão, Celso Vieira, Gilberto Amado, Jónatas Serrano, José Antônio Nogueira, Nuno Pinheiro, Oliveira Viana, Pontes de Miranda, Ronald de Carvalho, Tristão de Athayde, Tasso da Silveira, além do próprio Vicente Licínio.

Julgamos oportuno transcrever duas apreciações sobre Vicente Licínio, de duas figuras que bem o conheceram, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Fernando de Azevedo teve-o como seu auxiliar imediato quando diretor da Instrução Pública no Distrito Federal, no fim da Primeira República, época em que realizou a mais importante reforma de ensino já levada a efeito em nosso país. Lê-se em *Figuras de meu convívio*:

“A gravidade e a complexidade dos problemas brasileiros que a sua geração foi chamada a enfrentar e a resolver, o levaram a dedicar a vida ao estudo de nossa evolução social, a observação dos diferentes meios do país e ao exame e ao exame e a solução das nossas questões fundamentais (...) Foi na geração da República, um desses raros homens de espírito democrático, que não cuidam de si para pensarem nos outros e, tendo grandes e generosos ideais, se consagram inteiramente a realizá-los (...) Seus livros, ricos de observações sagazes e de otimismo construtor, agradáveis aos que professam o culto do pensamento e trabalham pela formação da consciência nacional, são dos que marcam o despertar, na geração nova, do sentimento brasileiro nas ciências, nas artes, na literatura. Temperamento vibrátil, impelido por intensa curiosidade intelectual e armado de cultura sólida, Vicente Licínio, além de um pendor acentuado para as questões úteis e do gosto de encará-las por ângulos novos, mostra argúcia em extrair do conteúdo dos fatos históricos a riqueza latente de seus valores educativos, tão úteis à compreensão do país e à solução dos problemas nacionais.”<sup>1</sup>

Por sua vez, assim se expressou Lourenço Filho: “Quando cotejamos certos trechos da análise histórica do Segundo Reinado, talvez o trabalho em que mais integralmente condensa as suas idéias, sentimos que é nesse sentido que a sua contribuição mais avulta e se faz original no pensamento social brasileiro. Condicionantes geográficos, estrutura econômica, instituições de governo, tudo isso estudou, e tudo isso para ele importava. Mas é o aspecto cultural que lhe obsorve por fim o pensamento, quando insiste em que se procure aprender e decifrar o que chamou de ‘idealismo congênito do povo’, em que se deverá fundar a ação política na forma de um ‘idealismo orgânico e construtor da nacionalidade’. O exame da obra de Vicente Licínio dá-nos a impressão de que terá ela marcado, no pensamento social brasileiro, o momento de passagem entre a inspiração empírica e a reflexão científica; ou entre o terreno das simples ideologias que não conhecem os seus pressupostos, e o das ideologias que sabem que esses pressupostos existem, pois o mal não é o de existirem, mas o de não serem em si mesmos estudados e levados na devida conta, para a elaboração de planos de uma ação política bem fundada”.<sup>2</sup>

(1) Azevedo, Fernando de - Figuras do meu convívio. 2ª ed., São Paulo, Duas Cidades, 1973.

(2) Lourenço Filho, Vicente Licínio e os estudos sociais, em Rev. da Academia Paul. de Letras, nº 66, out. 1961. São Paulo.